

II. Os Documentos e a cultura de sua época

O português escrito na época medieval e o português escrito na época clássica

Entre a cultura do manuscrito e a cultura impressa

BIBLIOGRAFIA

- 📖 CARDEIRA, Esperança. O Essencial sobre a história do Português. Lisboa: Editorial Caminho. 2006
- 📖 EISENSTEIN, Elisabeth. A Revolução da Cultura Impressa. São Paulo: Ática, 1998.
- 📖 OLIVEIRA, Fernão de. "Grammatica da linguagem portuguesa", 1532. Biblioteca Nacional de Lisboa. URL

Antiga nobreza e saber de nossa gente e terra de Espanha, cuja sempre melhor parte foi Portugal



Fernão de Oliveira, *Gramatica da Linguagem Portuguesa, 1536*

Capítulo III. [Da nossa terra e gente].

É tanta a nobreza de nossa terra e gente que só ella com seu capitão Viriato pôde lançar os romanos da Espanha e segui-los até a sua Italia. E só esta nossa terra Portugal, na Espanha, quando os godos com seus costumes barbaros e viciosos perderam a Espanha, teve sempre bandeira nunca sojeita a mouros, mas muitas vezes contr'elles vitoriosa, como foi a do santo abade dom João de Montemor, o qual confessam todos que corria a terra dos mouros como d'imigos e não como de senhores. E esta é a verdade, que em Portugal sempre houve lugares e terras proprias dos christãos porque se assi não fora, que na Estremadura não houvera lugares de christãos, não se atrevera o abade João, que era homem prudente, a sair trás seus imigos por suas terras desses imigos por espaço de jornadas com pouca gente.

E os lugares de portugueses que ficaram em Portugal, posto que às vezes fossem vencidos como também às vezes eram vencedores, porque assi passa onde ha continoa guerra, todavia sempre tiveram capitão christão até o conde dom Anrrique e el-rei dom Afonso Anrriquez seu filho, o qual por autoridade apostolica foi feito rei não devendo nada a alguém, como com muita verdade afirma Rui de Pina 7 na Estorea del-rei dom Sancho, o primeiro deste nome. Apontei isto para que desta nossa propria e natural nobreza nos prezemos e não fabulizemos ou mintamos patranhas estrangeiras; e muito menos nos louvemos dos godos, porque elles perderam o que a virtude desta terra ensinou ganhar aos nossos.

Capítulo IV. [Da cultura e gloria da terra].

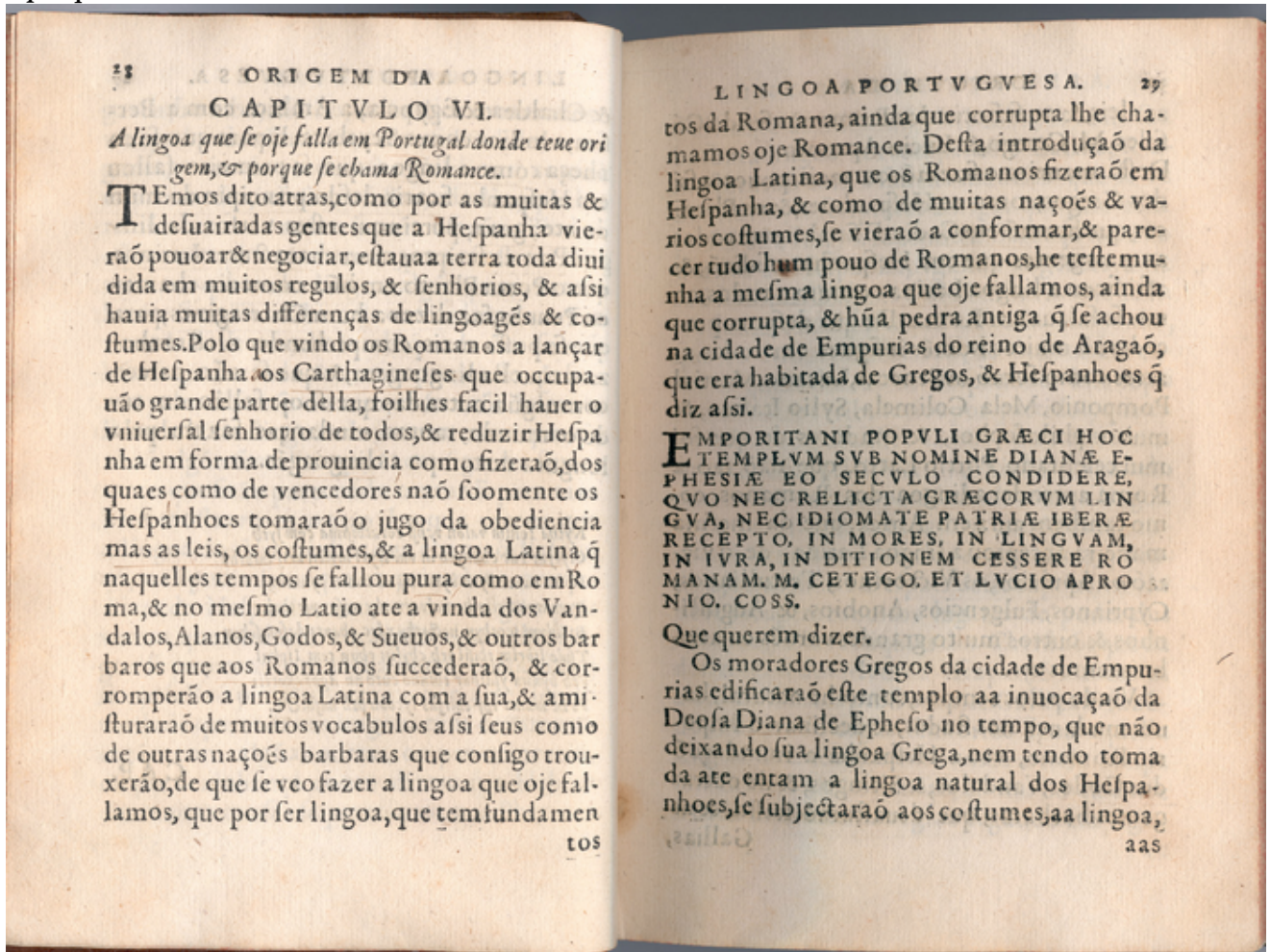
O estado da fortuna pode conceder ou tirar favor aos estudos liberaes. E esses estudos fazem mais durar a gloria da terra em que florecem, porque Grecia e Roma só por isto ainda vivem: porque quando senhoreavam o mundo mandaram a todas as gentes a elles sojeitas aprender suas linguas, e em ellas escreviam muitas boas doutrinas; e não somente o que entendiam escreviam nellas, mas também trasladavam par'ellas todo o bo que liam em outras. E desta feição nos obrigaram a que ainda agora trabalhemos em aprender e apurar o seu esquecendo-nos do nosso.

Não façamos assi; mas tornemos sobre nós, agora que é tempo e somos senhores, porque melhor é que ensinemos a Guiné ca que sejamos ensinados de Roma, ainda que ella agora tevera toda sua valia e preço. E não desconfiemos da nossa lingua porque os homens fazem a lingua, e não a lingua os homens. E é manifesto que as linguas grega e latina primeiro foram grosseiras; e os homens as poseram na perfeição que agora têm.

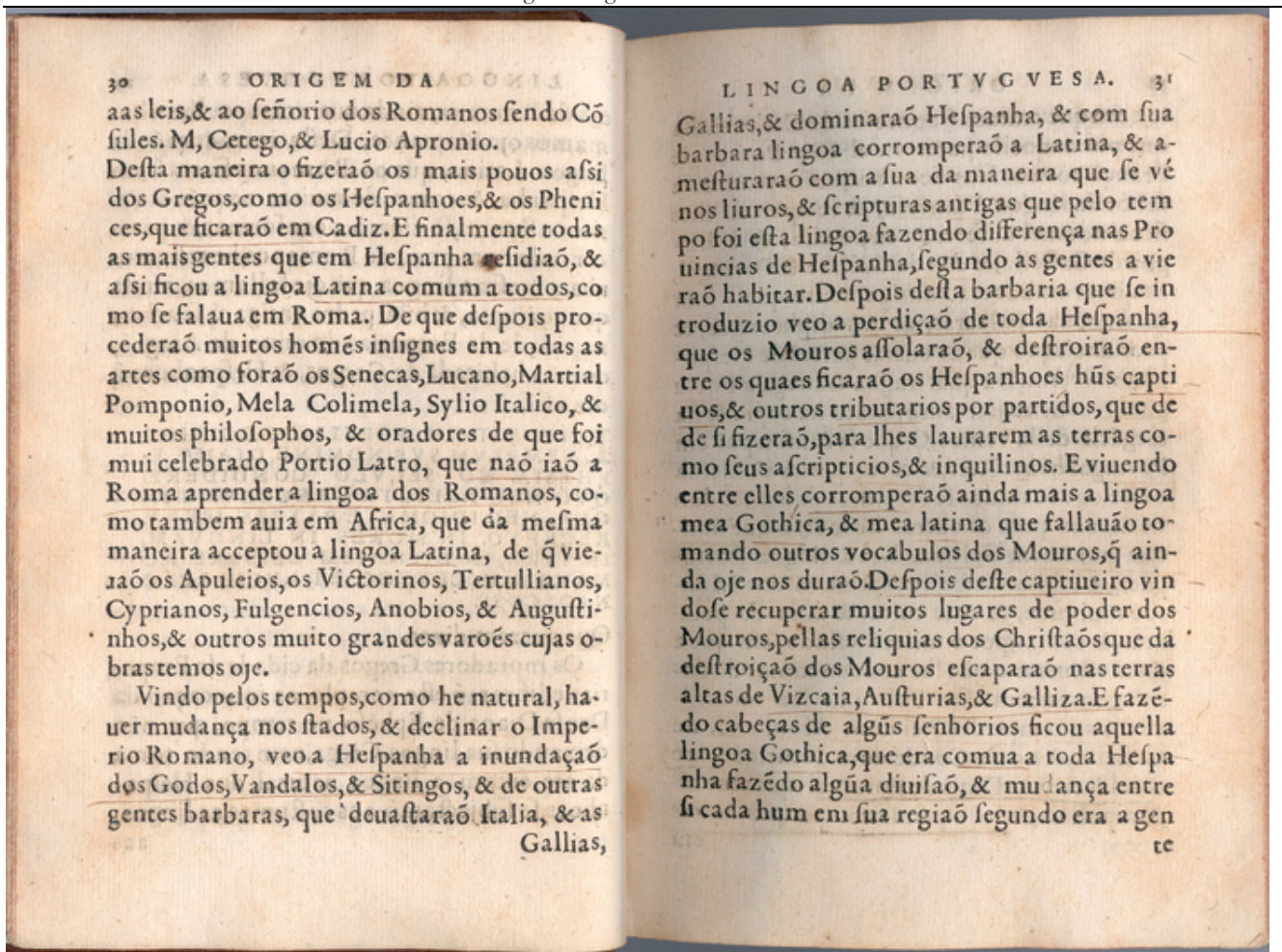
Antes se quiserdes ouvir as fabulas que elles contam eu vos farei parecer que primeiro souberam falar os homens da nossa terra, porque Vitruvio 8 diz no segundo livro dos seus Edificios que ajuntando-se os homens a hum certo fogo, o qual por acerto com grande vento se acendeo em matos, e ali conversando huns com outros souberam formar vozes e falar. E não dizendo elle onde foi este fogo, conta Diodoro Siculo no seisto livro da sua Bibliotheca que foi nos montes Pireneus, os quaes são antre França e Espanha. E pois grammatica é arte que ensina a bem ler e falar, saibamos quem primeiro a ensinou e onde e como, porque também agora a possamos usar na nossa antiga e nobre lingua. (Oliveira, 1536:9-10; 88-89 da edição crítica).

Duarte Nunes de Lião, *Origem da Língua Portuguesa, 1606*

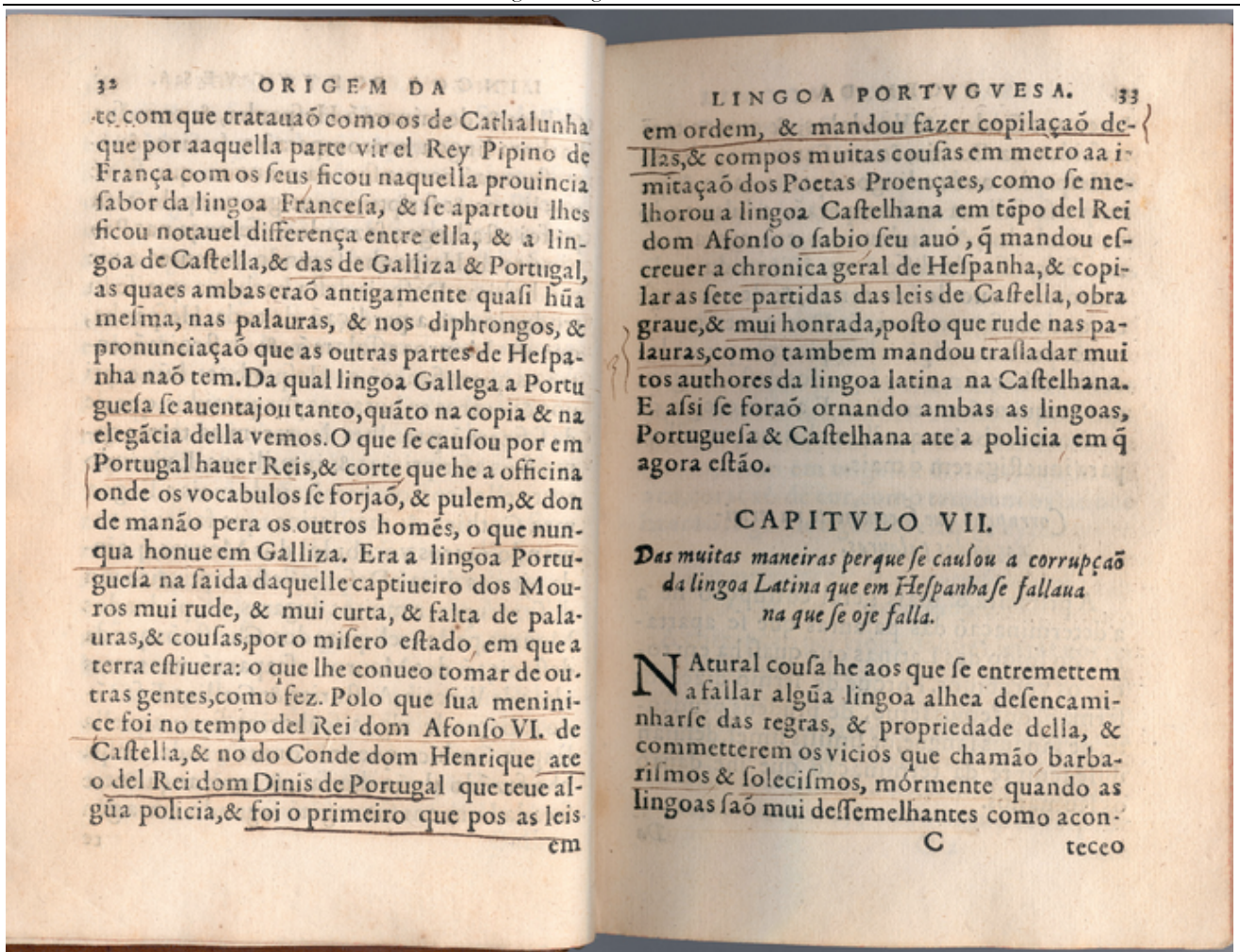
Capítulo VI. A Língua que se hoje fala em Portugal donde teve origem, e porque se chama Romance



“Temos dito atrás, como pelas muitas e desvairadas gentes que a Espanha vieram povoar e negociar, estava a terra toda dividida em muitos reinos e senhorios, e assim havia muitas diferenças de linguagens e costumes. Pelo que vindo os Romanos a lançar de Espanha aos Cartagineses que ocupavam grande parte dela, foi-lhes fácil haver o universal senhorio de todos, e reduzir Espanha em forma de província como fizeram, dos quais como de vencedores não somente os espanhóis tomaram o jugo da obediência mas as leis, os costumes, e a língua Latina, que naqueles tempos se falou pura como em Roma, e no mesmo Lácio, até a vinda dos Vândalos, Alanos, Godos e Suevos, e outros bárbaros que aos Romanos sucederam, e corromperam a língua Latina com a sua, e a misturaram de muitos vocábulos assim seus como de outras nações bárbaras que consigo trouxeram, de que se veio fazer a língua que hoje falamos, que por ser língua que tem fundamentos da Romana, ainda que corrupta lhe chamamos hoje Romance. Desta introdução da língua Latina, que os Romanos fizeram em Espanha, e como de muitas nações e vários costumes, se vieram a conformar, e parecer tudo um povo de Romanos, é testemunha a mesma língua que hoje falamos, ainda que corrupta”. (...)



“Vindo pelos tempos, como é natural, haver mudança nos estados, e declinar o Império Romano, veio à Espanha a inundaçãõ dos Godos, Vândalos, e Sitingos, e de outras gentes bárbaras, que devastaram Itália, e as Gálias, e dominaram Espanha, e com sua bárbara língua corromperam a Latina, e a misturaram com a sua da maneira que se vê nos livros e escrituras antigas; que pelo tempo foi esta língua fazendo diferença nas Províncias de Espanha, segundo as gentes a vieram habitar. Depois desta barbária que se introduziu, veio a perdiçãõ de toda Espanha, que os Mouros assolaram, e destruíram, entre os quais ficaram os Espanhóis uns cativos, e outros tributários por partidos que de si fizeram, para lhes lavrarem as terras como seus ascrípticos, e inquilinos. E vivendo entre eles, corromperam ainda mais a língua meio Gótica e meio latina que falavam, tomando outros vocábulos dos Mouros, que ainda hoje nos duram. Depois deste cativeiro, vindo-se recuperar muitos lugares de poder dos Mouros, pelas relíquias dos Cristãos que da destruiçãõ dos Mouros escaparam nas terras altas de Viscaia, Astúrias e Galiza. E fazendo cabeças de alguns senhorios ficou aquela língua Gótica, que era comum a toda Espanha, fazendo alguma divisãõ e mudança entre si, cada um em sua regiãõ, segundo era a gente ...”



“... com que tratavam, como os de Catalunha que por àquela parte vir el Rei Pipino de França com os seus ficou naquela província sabor da língua Francesa, e se apartou lhes ficou notável diferença entre ela, e a língua de Castella, e das de Galiza e Portugal, as quais ambas eram antigamente quase uma mesma, nas palavras, e nos ditongos e pronúnciação que as outras partes de Espanha não tem. Da qual língua Galega a Portuguesa se avantajou tanto, quanto na cópia e na elegância dela vemos. O que se causou por em Portugal haver Reis, e corte que é a oficina onde os vocábulos se forjam, e pulem, e donde manam para outros homens, o que nunca houve em Galiza. Era a língua Portuguesa na saída daquele cativoiro dos Mouros mui rude, e mui curta, & falta de palavras, e cousas, por o mísero estado, em que a terra estivera: o que lhe conveio tomar de outras gentes, como fez. Polo que sua meninice foi no tempo del Rei dom Afonso VI. de Castela, e no do Conde dom Henrique até o del Rei dom Dinis de Portugal que teve alguma policia, e foi o primeiro que pos as leis em ordem, e mandou fazer compilação delas, e compôs muitas cousas em metro à imitação dos Poetas Provençais, como se melhorou a língua Castelhana em tempo del Rei dom Afonso o sábio seu avô, que mandou escrever a crônica geral de Espanha, e compilar as sete partidas das leis de Castela, obra grave, e mui honrada, posto que rude nas palavras, como também mandou traladar muitos autores da língua latina na Castelhana. E assi se foram ornando ambas as línguas, Portuguesa e Castelhana até a policia em que agora estão.” (Lião, 1606:30-33)

Pero Magalhães de Gandavo, *Diálogo em defesa da língua portuguesa*, 1574:

(Falencio): La causa señor Petronio, de vuestra lengua ser juzgada por essa (no solo de todas las naciones del mundo, mas aun de los mismos Portugueses que la poseen) es por que en su principio como se puede ver en el language de algunas historias y cronicas antiguas de Portugal, usavan muchos vocabulos muy diferentes y improprios de su natural significación y origen. Y después conociendo los hombres por el tiempo adelante la impropriedad, y poca policia deste language, vinieron poco a poco **apurandolo con derivar y componer vocabulos** de diversas lenguas **ayuntandolos** ala suya: y asi con favor delas agenas **suplicaron muchos defectos** que ella en si tenia. Por donde se no puede llamar verdadero Portugués el que agora en estos tiempos usais, sino el antiguo que en principio se usava, como ya tengo dito. Y por esso con razón llaman todos a esta lengua bárbara, que en la realidad dela verdad lo és, pues de si es tã pobre, y tan poco polida, que sin ayuda delas otras quedaria tan ruda y tosca, que en estos tiempos no se poderia oír, ni aun entender delos mismos Portugueses. (p. 4-6)

Ivo Castro, *Introdução à história da língua portuguesa*, 2004:

Para Ivo Castro, a história da língua portuguesa se define pelos sucessivos ciclos de expansão que refletem “*a história da ocupação do território, a formação do estado e os grandes movimentos da nação*”.

“O primeiro movimento a considerar pode ser apresentado como uma transplantação inicial da língua, que parte de sua área inicial na Galesia Magna para se derramar pelo resto do território europeu, onde se sobre põe ao árabe que as populações reconquistadas falavam. O segundo movimento, igualmente para o sul, consiste em um salto para fora da Europa. Com as Descobertas, a língua instala-se em ilhas atlânticas desabitadas, nos litorais africano e asiático que ofereciam suporte às rotas marítimas, e ainda no litoral brasileiro.”

“Estes dois movimentos sucessivos de crescimento da língua portuguesa permitem-nos reconhecer a presença e a acção de dois ciclos evolutivos, separados por uma cesura no séc. XV:

(a) o ciclo da Formação da Língua, que decorre entre os sécs. IX e XV na esteira da Reconquista do território dos árabes; os povos do norte transplantaram a sua língua para o sul, onde ela se transformou pelo contacto com a língua local e ganhou, a partir do séc. XV, ascendente sobre os dialectos do norte, tornando-se base de uma norma culta de características meridionais, que seria vista como a língua nacional;

(b) o segundo ciclo é o da Expansão da Língua: o período do séc. XV a inícios do séc. XVI é aquele em que a língua mais radicalmente se transfigura. Enquanto se reestruturava e consolidava dentro de portas, a língua portuguesa começa a expandir-se para fora da Europa, pelo que, a partir de então, é preciso distinguir entre português europeu e português extra-europeu”.

(...) “Discute-se se o galego e o português fizeram caminho juntos durante muito ou pouco tempo. (...) Como seria na Idade Média? Os trovadores - galegos, portugueses e castelhanos - escreviam todos na mesma língua, mas era uma língua artificial e não necessariamente a língua que cada um falava. Nessa língua literária, (...), não se observam traços que apontem para uma separação regional, mas dificilmente os poetas, ao falar, usariam dessa língua unificada. Pode ser que o galego e o português já estivessem a se separar. De qualquer forma, a sua separação definitiva ocorreu no final do ciclo em exame, através de um **episódio intercalar de elaboração da língua**, processo coincidente e decerto relacionado com **as grandes alterações sociais e políticas** já referidas. (...) Enquanto o centro-sul se torna cada vez mais influente, o norte de Portugal perde o estatuto de berço do reino e passa a ser visto como uma província distante. E a Galiza, com a qual tem as maiores afinidades, torna-se ainda mais distante. As transformações que o português então sofre afastam-no da matriz medieval galego-portuguesa (...). Na soma dessas mudanças reconhece-se **um processo de elaboração linguística, um acto de recusa das origens** com o qual a língua portuguesa atinge o fim do seu período de formação e de crescimento, que precede um pouco o final da Idade Média”. (2004:86-87)

Esperança Cardeira, *O Essencial sobre a história do Português*, 2006:

“Desde os finais do século XIV e ao longo dos séculos XV e XVI, a sociedade sofre, pois, profundas alterações. Inicia-se uma nova dinastia, que chama a si a cultura, e mudam as classes que detêm o poder; a corte, até então itinerante, fixa-se na área centro-meridional, terra reconquistada e repovoada, lugar de encontro de gentes e dialectos; o país consolida-se dentro e fora da Península; a imprensa permite uma maior difusão do pensamento e a produção literária em Português aumenta e torna-se mais acessível; surgem as primeiras gramáticas, inaugurando a reflexão lingüística e abrindo caminho à normalização e ao ensino da língua. A evolução da língua não poderia deixar de acompanhar toda essa dinâmica: concretizam-se mudanças lingüísticas iniciadas nos séculos anteriores, extinguem-se características do Português Antigo, a língua sofre um processo de elaboração e começa a fixar-se uma norma”

Fernando Vasquez Corredoira, *A Construção da língua portuguesa frente ao castelhano*, 1998:

“As profundas transformações económicas, demográficas e culturais, início de uma sociedade urbana e mercantil, que se desenvolvem na derradeira fase da Idade Média, geram a emergência de novas camadas sociais que buscam dotar-se de expressão própria que as distinga. Nasce, então, em certos grupos de *notáveis a vontade de inventar uma língua*, prestigiosa como o latim”. (1998:23)

“*Codificar* (ou gramaticalizar) e *elaborar* significa, entre outras coisas, operar na língua escolhida uma formalização que tenda, idealmente, a torná-la unitária. É intervir culturalmente na língua, considerada,

portanto, objeto sobre o que se pode e deve agir conscientemente a fim de plasmar conforme ao modelo visado. É o que os gramáticos renascentistas exprimem ao falarem de uma língua *sujeita a arte* (1998: 26).

Os primeiros gramáticos portugueses, como os seus contemporâneos de outras terras, ocupados de preferência em *codificar ortograficamente* e *nobilitar* o vernáculo do Reino, não se cuidam muito de reprovar determinados usos (embora não falem propostas corretoras). Daí que os listados de vocábulos a preferir, confrontados com aqueles a evitar, sejam de reduzida extensão. Posteriormente (séculos XVII e XVIII), observa-se que aumenta a atenção correctora dirigida a reprimir as formas ruins. (1998:58, meu grifo)

As gramáticas renascentistas, tem se dito inúmeras vezes, são consequência e instrumento de um ideal expansivo tanto funcional como espacial. Menos se tem notado o seu papel na **marcação da fronteira**. Face ao *continuum* dialectal da oralidade, impreciso, de transições insensíveis, a codificação da língua ligada ao centro de poder, impondo limites certos, **define um espaço** (o do *próprio* frente ao *outro*, o do *nós* face ao *eles*). Significativamente, as primeiras gramáticas vulgares são contemporâneas ao desenvolvimento dos estudos cartográficos e ao traçado de uma linha de alfândega a determinarem exactamente a fronteira entre os reinos. A codificação linguística em todos os seus aspectos, nomeadamente no ortográfico, actua, assim, em paralelo, contribuindo para construir a diferença. (1998: 33)

A escassa distância linguística entre o português e o castelhano surge como uma dificuldade a mais no esforço persuasivo. (...) Os autores portugueses têm consciência de que tão estreita semelhança linguística representa uma **ameaça para a nobilitação da língua**, porquanto podia questionar-lhe a autonomia" (1998:51)

"É ponto assente que a norma-padrão portuguesa se constitui sobre as bases dos falares da região centro-sul. É neste território que se situa a Universidade, o mosteiro de Alcobaça, a Corte, e o "centro político da nação". Desde cedo, Lisboa torna-se o principal pólo económico e a capital política do Reino. A expansão ultramarina acentua ainda a sua posição dominante no conjunto do país. A hipertrofia lisboeta, notam geógrafos e historiadores, é elemento fundamental na estruturação de Portugal". (1998:57).

E. Eisenstein, *A revolução da cultura impressa*, 1998:

“A imprensa ‘preservou e codificou, por vezes chegou mesmo a criar’, alguns idiomas. Sua ausência entre pequenos grupos linguísticos, durante o século XVI, ‘levou comprovadamente’ ao desaparecimento ou exclusão de seus idiomas vernáculos do domínio da literatura. Sua presença no interior de outros grupos, no mesmo século, assegurou a possibilidade de reavivamentos intermitentes ou contínua expansão. Havendo fortificado as paredes linguísticas que separavam grupos distintos, os impressores mais tarde tornaram homogêneo tudo o que se encontrava no interior dessas paredes, eliminando pequenas diferenças, padronizando o idioma para milhões de escritores e leitores, conferindo papel periférico aos dialetos provinciais. A preservação de uma determinada língua literária dependeu frequentemente de que, no século XVI, tivessem ou não sido impressos em vernáculo na região (sob os auspícios nacionais ou estrangeiros) algumas cartilhas, catecismos e bíblias. Em caso afirmativo, ocorria a subsequente expansão de uma cultura literária ‘nacional’ separada. Quando não foi esse o caso, desaparecia um dos pré-requisitos para que brotasse a consciência nacional; e o dialeto falado manteve seu carácter local”.